

Viagem
ao Centro da
Terra

**EU
LEIO**



VIAGEM AO CENTRO DA TERRA

Júlio Verne



Tradução

Cid Knipel Moreira

Apresentação e apêndice

Geraldo Galvão Ferraz

**TEXTO
INTEGRAL**

ea
editora ática

Edição revista.

Título original: *Voyage au centre de la Terre*

Título da edição brasileira: *Viagem ao centro da Terra*

GERENTE EDITORIAL Claudia Morales

EDITOR Fabricio Waltrick

EDITORA ASSISTENTE Fabiane Zorn

COORDENADORA DE REVISÃO Ivany Picasso Batista

REVISORAS Alessandra Miranda de Sá, Flávia Yacubian

PROJETO GRÁFICO Ludo Design

CAPA E ILUSTRAÇÕES Carlo Giovani

COORDENADORA DE ARTE Soraia Scarpa

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA Ludo Design

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA DE IMAGENS Cesar Wolf

ICONOGRAFIA Sílvio Kligin

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

V624v
9.ed.

Verne, Jules, 1828-1905

Viagem ao centro da Terra / Júlio Verne ; tradução Cid Knipel

Moreira ; apresentação Geraldo Galvão Ferraz. - 9.ed. -

São Paulo : Ática, 2011.

280p. : il. - (Eu Leio)

Tradução de: *Voyage au centre de la Terre*

Inclui apêndice

ISBN 978-85-08-14553-9

1. Romance francês. I. Moreira, Cid Knipel. II. Ferraz, Geraldo Galvão. III. Título. IV. Série.

11-0173.

CDD: 840

CDU: 821.133.1-3

ISBN 978 85 08 14553-9 (aluno)

ISBN 978 85 08 14554-6 (professor)

Código da obra CL 737502

CAE: 263502

2017

9ª edição

7ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7.221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP

www.aticascipione.com.br

Tel.: (0xx11) 4003-3061

atendimento@aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



SUMÁRIO

Apresentação 7

I 11	XVI 98	XXXI 172
II 16	XVII 104	XXXII 177
III 21	XVIII 109	XXXIII 184
IV 28	XIX 115	XXXIV 192
V 32	XX 120	XXXV 197
VI 37	XXI 125	XXXVI 203
VII 45	XXII 130	XXXVII 209
VIII 51	XXIII 133	XXXVIII 214
IX 58	XXIV 138	XXXIX 220
X 65	XXV 143	XL 227
XI 70	XXVI 148	XLI 232
XII 76	XXVII 151	XLII 237
XIII 81	XXVIII 155	XLIII 243
XIV 86	XXIX 161	XLIV 249
XV 92	XXX 165	XLV 256

Júlio Verne: Um escritor de vários mundos 261

Bibliografia 271




UM HÁBIL CONTADOR DE HISTÓRIAS

Entre seus muitos talentos, Júlio Verne tinha um de que usou e abusou: o de perceber, num relance, o potencial de um livro de outro autor – geralmente menor – e usá-lo, tema, personagens, ideias, para transformá-lo numa obra definitiva. Leitor insaciável, ele bebeu num livro de 1741, *As viagens de Niels Klim no mundo subterrâneo*, de Ludvig Holberg¹, para desenvolver a exploração do conceito da Terra oca, em *Viagem ao centro da Terra*.

Ele também foi buscar nas teorias científicas em voga, como as de Humphry Davy² a respeito da origem do planeta, para criar o mundo subterrâneo visitado pelo trio inesquecível de seus personagens: o geólogo alemão Otto Lidenbrock, seu sobrinho Axel e o guia Hans, cuja expedição é desencadeada pela descoberta do texto cifrado do alquimista Arne Saknussemm, que teria atingido o centro da Terra a partir de uma das crateras do vulcão Sneffels, na Islândia.

Datado de 1864, *Viagem ao centro da Terra* faz parte da primeira fase da obra do escritor, exatamente o período em que

-
- 1 Essa obra, chamada *Nicolai Klimii Iter Subterraneum*, foi originalmente escrita em latim pelo barão Ludvig Holberg (1684-1754), um autor escandinavo disputado pelas literaturas norueguesa e dinamarquesa como um de seus fundadores. (N.E.)
 - 2 **Humphry Davy**: químico inglês (1778-1829) que descobriu o sódio, o potássio, o gás hélio, inventou a lâmpada de segurança para minas e provou que o diamante era uma forma de carbono. (N.E.)



ele se mostra mais otimista quanto às possibilidades da ciência, como genuíno homem do século XIX — quando tudo parecia possível à civilização europeia, senhora do vapor e da eletricidade. Em *Viagem ao centro da Terra*, percebe-se logo a convivência de dois aspectos que raramente abandonariam a literatura de Verne: o didatismo e a narrativa de cunho popular. Como repetidas vezes ele próprio escreveu, seus livros faziam parte de um projeto que tinha tudo a ver com a educação dos jovens. O escritor encarava suas histórias como manuais informais de ensino, um meio de dar um lugar à ciência na literatura.

Embora seu público-alvo fossem os escolares, os adultos também adoravam Júlio Verne. Afinal, era um consumado escritor popular, um hábil contador de histórias. Usando as técnicas estabelecidas por bons romancistas de aventuras, por sua vez herdeiros dos folhetins, Verne sempre temperou os trechos informativos e estatísticos de seus livros — algumas vezes aborrecidos para o leitor de hoje — com uma narrativa cheia de reviravoltas e um perfeito senso de suspense, que fazem de sua literatura um exemplo no gênero. Verne era, além disso, bom de diálogo: basta conferir em qualquer página deste livro. Também construía personagens de forma maravilhosa. É só lembrar o prof. Lidenbrock, ou o capitão Nemo de *Vinte mil léguas submarinas*, ou o Phileas Fogg de *A volta ao mundo em oitenta dias*.

Porém, talvez o traço mais moderno de Verne seja o humor, de que ele fazia uso para amenizar a aridez de algumas passagens dos romances e novelas, um humor que não hesitava em ser irreverente e em rir de coisas austeras como o Reform Club³ ou a Academia de Ciências da França. Um humor que ganha o leitor e o ajuda a engolir os resultados da imaginação do autor — até os gigantescos pastores primatas de rebanhos subterrâneos de mamutes, como se pode ler neste *Viagem ao centro da Terra*.

Geraldo Galvão Ferraz

3 **Reform Club:** comunidade que apoiou a reforma parlamentar da Inglaterra, em 1832, e se tornou a sede do Partido Liberal inglês. Hoje é um clube, não associado diretamente a partidos políticos. (N.E.)





No domingo de 24 de maio de 1863, meu tio, o prof. Lidenbrock, voltou apressado a sua modesta casa no número 19 da Königsstrasse, uma das ruas mais antigas da parte velha de Hamburgo.

Marta, a empregada, pensou estar muito atrasada, já que a comida mal começava a chiar no fogão da cozinha.

“Bom”, pensei, “se meu tio, o homem mais impaciente do mundo, estiver com fome, vai logo começar a gritar”.

— Já é o seu Lidenbrock?! — Marta gritou espantada, entreadbrindo a porta da sala.

— É, Marta. Mas a comida ainda não precisa estar pronta, pois não são nem 14 horas. Acabou de bater 13h30 na igreja de São Miguel.

— Então por que é que o seu Lidenbrock já voltou?

— Pode ter certeza de que ele vai dizer.

— Olha ele aí! Eu nem quero ver, seu Axel, o senhor explica pra ele.

E Marta voltou a seu laboratório culinário.

Fiquei sozinho. Agora, explicar alguma coisa ao professor mais bravo do mundo, isso era uma coisa que meu jeito tímido não ia conseguir. Eu já ia fugir para meu quatinho lá de cima, quando a porta da rua rangeu. A escada de madeira estalou com aqueles pés imensos, e o dono da casa atravessou a sala de jantar, entrando direto no escritório.

Nessa rápida passagem, jogou a bengala a um canto, o chapéu felpudo à mesa e estas palavras a mim:

— Axel, venha cá!

Eu não tinha tido nem tempo de me mexer, e o professor já me gritava, impaciente:

— Como é? Você vem ou não vem?

Saltei para dentro do escritório de meu temido mestre.

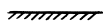
Tenho de admitir que Otto Lidenbrock não era um homem mau. Mas, a não ser que ele mude, ele será até o fim da vida um incrível excêntrico.

Era professor no Johannaem e dava um curso de mineralogia, durante o qual sempre se enfurecia uma ou duas vezes. Não que ele se importasse com a frequência de seus alunos às aulas, com o grau de atenção que lhe dedicavam ou com o sucesso que mais tarde poderiam alcançar — tais detalhes quase não o preocupavam. Como dizem os filósofos alemães, ele ensinava “subjetivamente”¹, isto é, ensinava a si mesmo e não aos outros. Era um sábio egoísta, um poço de ciência cuja manivela rangia quando se tentava tirar alguma coisa de dentro. Numa palavra, um avarento.

Há alguns professores desse tipo na Alemanha.

Por azar, meu tio, que já não tinha grande facilidade de expressão em casa, tinha-a menos ainda em público, e essa é uma falha lamentável num orador. De fato, em suas aulas no Johannaem o professor muitas vezes se interrompia: lutava contra uma palavra desobediente que não queria passar por sua boca, uma dessas que resistem, engrossam e acabam saindo na pouca científica forma de um palavrão. Por isso, ele se irritava muito.

Ora, em mineralogia existem muitas palavras semigregas, semilatinas, difíceis de pronunciar — esses nomes esquisitos que machucariam os lábios de um poeta. Longe de mim falar mal dessa ciência. Mas, quando se vai falar de cristalizações romboédricas, resinas retinasfálticas, gelenitas, fungasites, molibdatos



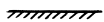
1 Aqui o narrador propõe um trocadilho com o conceito de subjetivismo da filosofia idealista alemã, para a qual o conhecimento da realidade seria feito através da interpretação de experiências e impressões individuais acerca do mundo. (N.E.)

de chumbo, tungstato de manganês e titanatos de zircônio, é normal que até a língua mais esperta se atrapalhe.

Todo mundo na cidade sabia dessa perdoável imperfeição de meu tio e abusava, esperando as passagens perigosas para que ele tivesse um ataque de raiva e, aí, pudessem rir — o que não era de bom gosto, nem mesmo para os alemães. Embora sempre houvesse grande quantidade de ouvintes nos cursos de Lidenbrock, muita gente vinha só para se divertir com os deliciosos ataques de cólera do professor!

Seja como for, não seria nenhum exagero dizer que meu tio era um verdadeiro cientista. É verdade que às vezes ele quebrava suas amostras ao testá-las com muita pressa, mas possuía o talento do geólogo aliado ao olhar do mineralogista. Com o martelo, a ponteira de aço, a agulha imantada, o maçarico e o frasco de ácido nítrico, era um homem bastante decidido. Diante da fratura, aspecto, rigidez, fusibilidade, som, odor, sabor de um mineral qualquer, prontamente o classificava entre as seiscentas espécies hoje relacionadas pela ciência.

O nome de Lidenbrock era muito respeitado também nos liceus e nas associações científicas nacionais. Humphry Davy e Humboldt, Franklin e Sabine² não deixavam de visitá-lo ao passarem por Hamburgo. Becquerel, Ebelmen, Brewster, Dumas, Milne-Edwards, Sainte-Claire-Deville³ gostavam de consultá-lo sobre as mais palpitantes questões da química. Essa ciência devia-lhe muitas descobertas importantes, e em 1853 se editara em Leipzig um *Tratado de cristalografia transcendente*, de autoria



- 2 **Humphry Davy**: ver nota 2, p. 7; **Humboldt**: Alexander von Humboldt (1769-1859) foi um naturalista e explorador alemão que contribuiu para a popularização do que hoje se denominam ciências da terra e ecologia; **Franklin**: sir John Franklin (1786-1847) foi um explorador inglês que comandou uma expedição ao Ártico para encontrar a passagem que conectaria os oceanos Atlântico e Pacífico; **Sabine**: sir Edward Sabine (1788-1883), astrônomo e geodésico inglês, ficou famoso por seus estudos sobre a forma da superfície da Terra e seu campo magnético. (N.E.)
- 3 **Brewster**: David Brewster (1781-1868), físico escocês, ficou famoso por seus experimentos de ótica; **Dumas**: Jean-Baptiste-André Dumas (1800-1884) cientista francês pioneiro nos estudos da química orgânica; **Milne-Edwards**: Henri Milne-Edwards foi um grande naturalista e biólogo marinho belga (1800-1885); **Sainte-Claire-Deville**: Henri-Étienne Sainte-Claire-Deville (1818-1881) foi um químico francês que criou o processo de produção do alumínio. (N.E.)

do prof. Otto Lidenbrock, preciosa brochura ilustrada que, porém, não rendera para cobrir os custos de impressão.

Além disso, meu tio era o conservador do museu mineralógico do sr. Struve, embaixador da Rússia, uma valiosa coleção, renomada em toda a Europa.

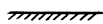
Era esse, portanto, o personagem que me chamava com tanta impaciência. Imaginem um homem alto, magro, com uma saúde de ferro e um cabelo loiro juvenil que lhe diminuía bem uns dez de seus 50 anos. Seus olhos grandes giravam sem parar por trás das poderosas lentes dos óculos; seu nariz, longo e delgado, parecia uma lâmina afiada. Os maldosos até diziam que seu nariz era imantado e atraía a limalha de ferro. Pura calúnia: apenas atraía o tabaco e, para falar a verdade, com muita fartura⁴.

Quando eu acrescentar que meu tio andava com o passo exato de um metro e disser que ao caminhar ele mantinha seus punhos solidamente cerrados, sinal de um temperamento impetuoso, será o suficiente para que ninguém se mostre muito ansioso por sua companhia.

Ele morava numa pequena casa na Königstrasse, uma residência metade de madeira, metade de tijolo, que tinha empenas de treliça e dava para um desses canais sinuosos que se cruzam no centro da parte velha de Hamburgo, a qual, por sorte, não foi destruída pelo incêndio de 1842.

É verdade que a velha casa era um pouco inclinada e um tanto abaulada para a rua. Seu teto pendia para o lado, como o boné caído sobre a orelha de um estudante alemão. O equilíbrio de suas linhas deixava a desejar. Mas ela se mantinha em pé graças ao apoio de um velho olmo, que estava vigorosamente fincado na fachada e que na primavera impelia suas flores em botão pelos vitrais das janelas.

Para um professor alemão, até que meu tio era rico. A casa estava totalmente incorporada a seu patrimônio, tanto o imóvel quanto os moradores: a sua afilhada Grauben, uma jovem virlandesa⁵ de



4 No século XIX era comum o uso do rapé, espécie de pó de tabaco que era aspirado. (N.E.)

5 **virlandês**: oriundo de Virlândia, cidade de colonização alemã localizada na Estônia. (N.E.)

17 anos; a empregada Marta; e eu. Em minha dupla condição de sobrinho e órfão, tornei-me o assistente de suas experiências.

Confesso que mordi com apetite as ciências geológicas. Eu tinha nas veias o sangue de mineralogista e jamais me entediava na companhia de minhas preciosas pedrinhas.

Em resumo, era possível viver feliz nessa casinha da Königstrasse, apesar da impaciência do proprietário — pois, mesmo ao adotar uma atitude um pouco bruta, nem por isso ele gostava menos de mim. Só que esse homem não sabia esperar e tinha mais pressa que a natureza.

Em abril, quando plantou nos vasos de faiança do salão mudas de resedá e de campânulas, ele toda manhã podava as folhas a fim de apressar o crescimento.

Diante de tal excentricidade, eu só podia obedecer. Portanto, saltei para dentro de seu escritório.



O escritório era um verdadeiro museu. Todas as amostras do reino mineral estavam ali, etiquetadas na mais perfeita ordem, segundo as três grandes divisões dos minerais: inflamáveis, metálicos e litoides.

Como me eram familiares aqueles bibelôs da ciência mineralógica! Quantas vezes, em vez de brincar com os meninos de minha idade, preferia espanar as grafitas, os antracitos, as hulhas, as linhites, as turfas! E os betumes, as resinas, os sais orgânicos que era necessário proteger contra qualquer átomo de poeira! E os metais, desde o ferro até o ouro, cujo valor relativo desaparecia diante da igualdade absoluta dos espécimes científicos! E todas essas pedras teriam bastado para reconstruir a casa da Königstrasse, até mesmo com um bom quarto mais, no qual eu ficaria tão bem acomodado!

Mas, ao entrar no escritório, eu nem estava pensando nessas maravilhas. Apenas meu tio ocupava-me o pensamento. Ele estava metido em sua ampla poltrona aveludada e tinha nas mãos um livro, que examinava com a mais profunda admiração.

— Que livro fantástico! — exclamou.

Isso me fez lembrar que, em suas horas de folga, o prof. Lidenbrock era também maníaco por livros. Mas um livro velho tinha valor para ele apenas se fosse raro ou, no mínimo, ilegível.

— E então! — disse-me. — Você não sabe, não é? Mas isto é um tesouro inestimável, que encontrei essa manhã pesquisando a loja do judeu Hevelius.

— Magnífico! — respondi, fingindo entusiasmo.

Na verdade, não entendia por que tanto alarde em torno de um velho livro cujas lombada e capas pareciam feitas de um couro grosseiro, um alfarrábio amarelado do qual pendia um marcador desbotado.

Mas a admiração do professor não parava por aí.

— Veja — dizia, perguntando e respondendo a si mesmo —, não é bem bonito? Sim, é admirável! E que encadernação! É fácil de abrir? Sim, pois permanece aberto em qualquer página! Mas ele se fecha bem? Sim, pois a capa e as folhas formam um todo bem unido e não se separam nem se desnivela em ponto algum! E esta lombada, que não apresenta uma única rachadura após setecentos anos de existência! Ah, esta é uma encadernação que faria inveja a Bozerian, Closs ou Purgold!⁶

Enquanto falava, meu tio continuava a abrir e fechar o velho alfarrábio. No mínimo, eu devia perguntar sobre o conteúdo do livro, apesar de não estar nem um pouco interessado.

— E qual é afinal o título desse maravilhoso volume? — indaguei com um jeito tão entusiasmado que chegava a parecer fingido.

— Esta obra — respondeu meu tio, excitado — é a *Heimskringla* de Snorri Sturluson, o famoso autor islandês do século XII!⁷ É a crônica dos príncipes noruegueses que reinaram na Islândia!

— Verdade? — exclamei, procurando demonstrar mais interesse. — E é uma tradução em língua alemã?

— Ora essa! — reagiu logo o professor. — Uma tradução! E o que eu faria com uma tradução? Quem se importa com uma tradução? Esta é a obra original em língua islandesa, esse magnífico idioma, rico e, ao mesmo tempo, simples, que permite as

6 Renomados encadernadores europeus do século XIX. (N.E.)

7 **Heimskringla**: (c. 1220) série de sagas que narra a vida de 16 reis nórdicos, que seriam descendentes do deus Odin. (N.E.)

combinações gramaticais mais variadas e numerosas modificações de palavras!

— Como o alemão — insinuei, com bastante satisfação.

— Sim — respondeu meu tio, erguendo os ombros —, sem contar que o islandês admite os três gêneros, como o grego, e declina os nomes próprios, como o latim!

— Ah! — concordei, um pouco abalado em minha indiferença. — E os tipos do livro são bonitos?

— Tipos! Quem falou em tipos, pobre Axel? Tipos coisa nenhuma! Ah! você acha que isto é um impresso! Isto é um manuscrito, seu ignorante, e um manuscrito rúnico!...

— Rúnico?

— Sim! Agora vai me pedir que lhe explique essa palavra?

— Prestarei bastante atenção — repliquei, com o tom de voz de alguém ferido em seu amor-próprio.

Mas meu tio continuou ainda mais impiedoso e informou-me, contra minha vontade, sobre coisas que pouco me interessavam saber:

— As runas eram caracteres de escrita outrora utilizados na Islândia e, segundo a tradição, foram inventadas pelo próprio Odin! Pois então olhe e admire, seu ateu, esses tipos que brotaram da imaginação de um deus!

Palavra de honra que, por falta de resposta, eu ia me ajoelhar — o tipo de reação que deve agradecer tanto aos deuses quanto aos reis, pois tem a vantagem de jamais embarará-los —, quando um incidente veio desviar o curso da conversa.

Foi o aparecimento de um pergaminho amassado, que escorregara do velho livro e caíra no chão.

Meu tio saltou sobre aquela ninharia com uma pressa bastante compreensível. Um velho documento, encerrado havia um tempo imemorial, não poderia deixar de ter elevado valor a seus olhos.

— O que é isso?! — exclamou.

Ao mesmo tempo, desdobrava cuidadosamente sobre sua mesa um pedaço de pergaminho de uns 12 centímetros de comprimento por 7 centímetros de largura, no qual, em linhas transversais, estendiam-se caracteres ininteligíveis.

Apresento aqui a reprodução exata. Devo divulgar estes sinais bizarros porque eles levaram o prof. Lidenbrock e seu sobrinho a empreender a mais estranha expedição do século XIX:

Ж.АКМНН	ТНТТТТТ	НТТТТТТ
НТТТТТТ	ТТТТТТТ	ТТТТТТТ
ТТТТТТТ	ТТТТТТТ	ТТТТТТТ
ТТТТТТТ	ТТТТТТТ	ТТТТТТТ
ТТТТТТТ	ТТТТТТТ	ТТТТТТТ
ТТТТТТТ	ТТТТТТТ	ТТТТТТТ
ТТТТТТТ	ТТТТТТТ	ТТТТТТТ
ТТТТТТТ	ТТТТТТТ	ТТТТТТТ
ТТТТТТТ	ТТТТТТТ	ТТТТТТТ
ТТТТТТТ	ТТТТТТТ	ТТТТТТТ

O professor examinou durante alguns instantes a série de caracteres; depois, erguendo os óculos, disse:

— Isto é rúnico; esses caracteres são absolutamente idênticos aos do manuscrito de Snorri Sturluson! Mas... o que pode significar?

Como o rúnico me parecia uma invenção de sábios para enganar o mundo leigo, não me desapontei ao ver que meu tio nada compreendia daquilo. Pelo menos foi o que me ocorreu, diante do movimento de seus dedos, que começavam a se agitar terrivelmente.

— Mas isto é islandês arcaico! — murmurava entre os dentes.

E o prof. Lidenbrock devia estar bem familiarizado com aquilo, pois era conhecido como verdadeiro poliglota.

Não que falasse correntemente as duas mil línguas e os quatro mil dialetos empregados na superfície da Terra, mas, enfim, conhecia a maioria deles.

Assim, em face dessa dificuldade, ia dedicar-se com toda a impetuosidade de seu caráter. Eu já previa uma cena violenta, quando o relóginho da lareira bateu 14 horas.

Imediatamente, Marta abriu a porta do escritório, dizendo:

— A sopa está servida.

— Ao inferno a sopa — gritou meu tio —, aquela que a fez e aqueles que a tomarão!

Marta desapareceu. Voei atrás dela e, sem saber como, vi-me sentado em meu lugar de sempre na sala de jantar.

Esperei um pouco. O professor não veio. Que eu saiba, foi a primeira vez que ele faltou à solenidade do almoço. E que almoço! Sopa de salsa, omelete de presunto guarnecido de azedas em noz-moscada, lombo de vitelo em compota de ameixas e, como sobremesa, camarões adocicados — tudo regado a um delicioso vinho da Moselle.

Era isso o que um papel velho iria custar a meu tio. Na qualidade de sobrinho dedicado, realmente me senti obrigado a comer tanto por ele quanto por mim. Foi o que fiz, conscienciosamente.

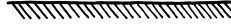
— Nunca vi coisa igual! — dizia Marta. — O seu Lidenbrock não tá na mesa!

— Não dá para acreditar.

— É sinal de coisa grave! — prosseguia a velha criada, abanando a cabeça.

Em minha opinião, aquilo não era sinal de nada, a não ser de uma cena terrível, quando meu tio descobrisse que seu almoço havia sido devorado.

Eu estava em meu último camarão quando uma voz estridente me arrancou aos prazeres da sobremesa. Não dei mais que um pulo da sala ao escritório.



— Não há dúvida de que é rúnico — dizia o professor, franzindo as sobrancelhas. — Mas há um segredo e tenho de descobri-lo, senão...

Um gesto brusco interrompeu seu pensamento.

— Sente-se aqui — disse ele, indicando-me a mesa com um murro — e escreva.

Num segundo eu estava pronto.

— Agora vou lhe ditar cada letra de nosso alfabeto correspondente a cada um destes caracteres islandeses. Veremos no que vai dar. Mas, pelo amor de Deus, não vá se enganar!

O ditado começou. Eu fiz o melhor que pude. Cada letra foi ditada uma após a outra, formando esta incompreensível sucessão de palavras:

<i>m.rlls</i>	<i>esreuel</i>	<i>seecJde</i>
<i>sgtssmf</i>	<i>unteief</i>	<i>niedrke</i>
<i>kt,samn</i>	<i>atrateS</i>	<i>Saodrrn</i>
<i>emtnael</i>	<i>nuaect</i>	<i>rrilSa</i>
<i>Atvaar</i>	<i>.nscrc</i>	<i>ieaabs</i>
<i>ccdrmi</i>	<i>eeutul</i>	<i>frantu</i>
<i>dt,iac</i>	<i>oseibo</i>	<i>KediiY</i>

Quando esse trabalho terminou, meu tio agarrou a folha que eu acabara de escrever e examinou-a demoradamente, com toda a atenção.

— O que é que isto quer dizer? — repetia ele mecanicamente.

Palavra de honra que eu não conseguiria lhe explicar. Aliás, ele não perguntou a mim e continuou a falar consigo mesmo:

— Isto é o que chamamos de criptograma. Uma mensagem na qual o sentido está oculto em letras embaralhadas propositalmente e que, dispostas de maneira adequada, formariam uma frase inteligível. Quando penso que aqui pode estar a explicação ou a indicação de uma grande descoberta!

Quanto a mim, eu achava que não havia absolutamente nada, mas guardei minha opinião com prudência.

O professor pegou então o livro e o pergaminho e comparou os dois:

— Estas duas caligrafias não são da mesma mão. O criptograma é posterior ao livro, e disto eu tenho uma prova irrefutável, logo no início. De fato, a primeira letra é um *M* dobrado, que seria inútil procurar no livro de Sturluson, pois ela só foi acrescentada ao alfabeto islandês no século XIV. Sendo assim, pelo menos duzentos anos separam o manuscrito do documento.

Admito que isso me pareceu bastante lógico.

— Sou então levado a crer — prosseguiu meu tio — que um dos donos do livro rascunhou estes caracteres misteriosos. Mas quem diabos terá sido ele? Não teria colocado o seu nome em algum lugar deste manuscrito?

Meu tio levantou os óculos, pegou uma poderosa lente de aumento e cuidadosamente examinou as primeiras páginas do livro. No verso da segunda, a do anterrosto, descobriu uma espécie de mancha, que à primeira vista dava a impressão de ser de tinta. Olhando de perto, porém, podiam-se ver alguns caracteres meio apagados. Meu tio percebeu que ali estava o que buscava. Assim, concentrou-se na mancha e, com a ajuda de sua lente de aumento, acabou por identificar os sinais seguintes, caracteres rúnicos que leu sem hesitar:

1 Ɔ Ɔ Ɔ 4 1 Ƴ Ɔ Ɔ 4 4 Ɔ Ɔ

— Arne Saknussem! — exclamou com um tom de triunfo.
— Mas isto é um nome, e ainda por cima um nome islandês, o de um sábio do século XVI, um célebre alquimista!

Eu encarava meu tio com certa admiração.

— Esses alquimistas — continuou —, Avicena, Bacon, Lull, Paracelso⁸, eram os verdadeiros, os únicos cientistas de seu tempo. Fizeram descobertas que nos deixam espantados, e com razão. Por que não teria esse Saknussem escondido neste criptograma incompreensível alguma invenção surpreendente? Deve ser isto. É isto.

A imaginação do professor inflamava-se com essa hipótese.

— Sem dúvida — ousei responder —, mas que interesse podia ter esse cientista em ocultar desse jeito alguma descoberta maravilhosa?

— Por quê? Por quê? E eu sei? Galileu não fez isso em relação a Saturno?? Aliás, vamos combinar: eu vou descobrir o segredo deste documento, e não vou comer nem dormir até descobri-lo.

“Oh!”, pensei.

— E você também não, Axel — acrescentou.

“Droga!”, matutei, “que sorte eu ter almoçado por dois!”

— Em primeiro lugar — disse meu tio —, é preciso descobrir a língua deste “enigma”. Não deve ser difícil.

Diante dessas palavras, levantei a cabeça animado. Meu tio retomou seu monólogo:

— Nada mais fácil. Há neste documento 132 letras, que dão 79 consoantes contra 53 vogais. Ora, é quase nessa proporção que



8 **Avicena:** influente filósofo e médico muçulmano (980-1037) que escreveu a primeira enciclopédia de medicina de que se tem notícia; **Bacon:** Roger Bacon (c. 1220-c. 1292) foi um franciscano inglês — também filósofo, matemático, astrônomo, físico e alquimista —, famoso por aliar razão e teologia, através de comprovações experimentais de hipóteses; **Lull:** Ramon Llull (c. 1232-c. 1315) foi um místico e poeta catalão criador de um “método para encontrar a verdade”, que apoiava a religião católica e unificava diferentes áreas do conhecimento; **Paracelso:** Philippus A. T. B. Von Hohenheim (1493-1541) foi médico e alquimista, e estabeleceu a função da química na medicina. (N.E.)

9 Em 1610, o astrônomo, matemático e filósofo italiano Galileu Galilei (1564-1642) descobriu o planeta Saturno, mas, como planejava publicar o achado somente em seu próximo livro, fez circular em sua correspondência um anagrama que comprovava seu pioneirismo. Ele dizia: “Observei o mais distante planeta com forma tripla” (a “forma tripla” seriam os anéis do astro). (N.E.)

são formadas as palavras das línguas meridionais, ao passo que os idiomas do norte são infinitamente mais ricos em consoantes. Trata-se, portanto, de uma língua do sul.

Essas conclusões eram bem razoáveis.

— Qual será essa língua?

Mas, onde eu esperava encontrar um sábio, descobria um profundo analista.

— Esse Saknussem — continuou — era um homem culto. Ora, já que ele não escrevia em sua língua materna, devia escolher de preferência a língua corrente entre os espíritos cultos do século XVI, ou seja, o latim. Se eu estiver enganado, poderei tentar o espanhol, o francês, o italiano, o grego, o hebraico. Mas os sábios do século XVI geralmente escreviam em latim. Portanto, tenho o direito de dizer *a priori*¹⁰: isto é latim.

Saltei da cadeira. Minhas lembranças de latinista revoltavam-se contra a pretensão de que aquela sequência de palavras estapafúrdias pudesse pertencer à doce língua de Virgílio¹¹.

— É! Do latim — continuou meu tio —, mas do latim embaralhado.

“Ainda bem!”, pensei. “Se você conseguir desembaralhar, então você é bem esperto, tio.”

— Vamos ver direito — disse ele, retomando a folha na qual eu escrevera. — Temos aqui uma série de 132 letras que se apresentam em aparente desordem. Em algumas palavras, as consoantes encontram-se isoladas, como a primeira, “m.rnlls”. Em outras, as vogais, ao contrário, são abundantes, a quinta, por exemplo, “unteief”, ou a penúltima, “oseibo”. Ora, é claro que essa disposição não foi combinada: ela resultou *matematicamente* da lógica desconhecida que determinou a sucessão destas letras. É provável que a frase primitiva tenha sido escrita de maneira normal e depois revirada segundo uma regra que é preciso descobrir. Aquele que possuir a chave do “enigma” o lerá correntemente. Mas qual é a chave? Axel, você tem a chave?



10 **a priori**: do latim, “a princípio” (sem averiguação prévia). (N.E.)

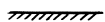
11 **Virgílio**: Publius Vergilius Maro (70 a.C.-19 a.C.) foi um poeta romano que escreveu em latim famosas obras épicas, como *Eneida*. (N.E.)

A essa pergunta não respondi nada, e com razão. Meu olhar estava voltado para um maravilhoso quadro pendurado na parede, o retrato da jovem Grauben. Nessa época a protegida de meu tio encontrava-se em Altona¹², na casa de um parente, e sua ausência me deixava muito triste, pois — agora posso confessá-lo — a bela virlandesa e o sobrinho do professor amavam-se com toda a paciência e a tranquilidade típicas dos alemães. Tínhamos ficado noivos sem que meu tio soubesse, já que ele era geólogo demais para compreender tais sentimentos. Grauben era uma encantadora jovem loira de olhos azuis, com um caráter um tanto circunspecto e o comportamento um pouco sério; mas nem por isso me amava menos. Quanto a mim, eu a adorava, se é que esse verbo existe na língua germânica! A imagem de minha pequena virlandesa, portanto, num segundo me lançava do mundo das realidades ao mundo das fantasias, das lembranças.

Lembrei-me da fiel companheira de trabalho e de lazer. Todo dia ela me ajudava a arrumar as preciosas pedras de meu tio: ela as etiquetava comigo. Grauben era uma excelente mineralogista! Isso ela já havia demonstrado várias vezes a mais de um cientista. Gostava de aprofundar as questões difíceis da ciência. Quantas horas agradáveis havíamos passado juntos estudando! E quantas vezes invejei a sorte daquelas pedras insensíveis que ela manuseava com suas mãos encantadoras!

Depois, quando chegava a hora do intervalo, íamos passear pelas alamedas cerradas do Alster¹³ com o velho moinho enegrecido que tanto embelezava a extremidade do lago. No caminho, conversávamos de mãos dadas. Eu lhe contava coisas que a faziam rir muito. Chegávamos então à margem do Elba e, depois de dar bom-dia aos cisnes que nadavam entre os grandes nenúfares brancos, voltávamos ao cais no barco a vapor.

Ora, eu estava nessa parte de meu sonho quando meu tio, batendo com o punho na mesa, devolveu-me com violência à realidade:



12 **Altona**: distrito no extremo-oeste da cidade de Hamburgo, na Alemanha. (N.E.)

13 **Alster**: rio que corta Hamburgo, represado no centro da cidade. (N.E.)

— Vejamos, a primeira ideia que deve surgir na mente para embaralhar as letras de uma frase creio que seja escrever as palavras verticalmente, em vez de dispô-las horizontalmente.

“Ora essa!”, pensei.

— É preciso saber o que isto vai formar. Axel, jogue uma frase qualquer nesse canto do papel; mas, em vez de dispor as letras uma após a outra, coloque-as sucessivamente em colunas verticais, de modo a agrupá-las em número de cinco ou seis.

Compreendi do que se tratava e imediatamente escrevi de cima para baixo:

<i>E</i>	<i>m</i>	<i>t</i>	<i>e</i>	<i>G</i>	<i>e</i>
<i>u</i>	<i>o</i>	<i>o</i>	<i>r</i>	<i>r</i>	<i>n</i>
<i>t</i>	<i>m</i>	<i>,</i>	<i>i</i>	<i>a</i>	<i>!</i>
<i>e</i>	<i>u</i>	<i>q</i>	<i>d</i>	<i>u</i>	
<i>a</i>	<i>i</i>	<i>u</i>	<i>a</i>	<i>b</i>	

— Muito bem — disse o professor sem ter lido. — Agora, coloque essas palavras numa linha horizontal.

Obedeci e obtive a seguinte frase:

EmteGe uoorrn tm,ia! euqdu aiuab

— Perfeito! — concluiu meu tio, arrancando-me o papel das mãos. — Isto já se parece com o velho documento: tanto as vogais quanto as consoantes se agruparam na mesma desordem; há até mesmo maiúsculas no meio das palavras, bem como vírgulas, tal qual no pergaminho de Saknussem!

Não pude deixar de considerar muito engenhosas essas observações.

— Ora — prosseguiu meu tio dirigindo-se diretamente a mim —, para ler a frase que você acaba de escrever e que eu não conheço, basta que eu tome sucessivamente a primeira letra de cada palavra, depois a segunda, depois a terceira e assim por diante.

E meu tio, para grande espanto seu e, sobretudo, meu, leu:

Eu te amo muito, querida Grauben!

— Hein!? — exclamou o professor.

Sim, sem me dar conta e como um amante desastrado, eu tinha escrito essa frase comprometedor.

— Ah, você ama Grauben! — retrucou meu tio, com um verdadeiro tom professoral.

— Sim... Não... — balbuciei.

— Ah! Você ama Grauben! — repetiu mecanicamente. — Pois bem, apliquemos meu procedimento ao documento em questão!

Meu tio, voltando a sua absorvente contemplação, já esquecera minhas imprudentes palavras. Digo imprudentes porque a cabeça do cientista não podia compreender as coisas do coração. Mas, felizmente, a grande tarefa do documento o arrebatou.

No momento em que ia realizar sua experiência decisiva, os olhos do prof. Lidenbrock faiscaram por trás dos óculos. Seus dedos tremeram quando retomou o velho pergaminho. Estava bastante emocionado. Por fim, tossiu com força e, com uma voz grave, chamando sucessivamente a primeira e depois a segunda letra de cada palavra, ditou-me a seguinte série:

*mmessunkaSenrA.icefdoK.segnittamurtn
ecertserrette,rotaivsadua,ednecsedsadne
lacartniiluJsiratracSarbmutablemek
meretarcsilucoYsleffenSnI*

Quando terminei, confesso que estava emocionado. Essas letras citadas uma a uma não faziam nenhum sentido para mim, e por isso eu aguardava o momento solene em que o professor iria enunciar uma frase no mais puro latim.

Mas, quem poderia imaginar! Um violento murro balançou a mesa. A tinta derramou e a pena voou da minha mão.

Em seguida, atravessando o escritório como uma bala, desceu a escada como uma avalanche, saiu para a Königstrasse e rapidamente desapareceu.